

A princípio não foi fácil expor a proposta aos alunos, já habituados ao feijão-com-arroz tão comum no ensino de Literatura. A ação e a influência do contexto histórico demoraram a ser captadas nos textos que analisamos. O papel do índio na obra de Gonçalves Dias, o sentimentalismo em Álvares de Azevedo, o nacionalismo em José de Alencar, o ideal abolicionista em Bernardo Guimarães, o condoreirismo de Castro Alves, o regionalismo de Tunay, entre outros, foram temas discutidos em sala de aula, mas nem sempre assimilados pela maioria. Porém alguns alunos começaram a compreender os objetivos do trabalho, o que me animou a prosseguir neste ritmo.

No decorrer do trabalho, estudamos autores não muito populares, como Sousândrade, Corpo Santo, Emiliano Pernetta e Pedro Kilkerry. A música e o vídeo foram úteis na introdução de alguns assuntos. O debate e a pesquisa, além das leituras, foram outros pilares da metodologia adotada.

É certo que, para o pleno sucesso dos trabalhos, houve muita complicação, mas tudo saiu conforme o almejado. Nem todo o conteúdo foi apresentado, porém o que foi trabalhado ficou.

O que importa, às vezes, não é para onde se vai, mas como se anda. Ensinar Literatura sem uma certa dose de paixão é um erro. É preciso fazer da leitura um prazer: o de descobrir o novo, vencer a ignorância e ampliar o universo do aluno. Eis o desafio do ensino de Literatura.

### III - PROJETO ECA (ESTÁGIO SUPERVISIONADO)

Por: Francisco Rogério Melo  
Ex-aluno do Curso de Letras/UNIR

#### INTRODUÇÃO

Afinal, o que vem a ser este projeto de nome tão jocoso? Coincidentemente, o encontro das iniciais das palavras: estímulo, compreensão e ação formam a pejorativa interjeição "ECA". E por que o E.C.A.? Porque acreditamos que, para ocorrer a transformação do pensamento, é fundamental haver o **ESTÍMULO** para se despertar o interesse para a **COMPREENSÃO** do conhecimento e principalmente, a utilização deste conhecimento para a **AÇÃO**.

Embora considerando a organização um aspecto importante para se ministrar um conteúdo, a sensibilidade do professor não pode ignorar o momento existencial do "ambiente humano" ocupado por seres humanos, os quais estão suscetíveis ao desestímulo ante à apresentação de um tema que pode tornar-se arbitrário por mais bem intencionado o professor esteja, pois o tema pode estar dessintonizado do potencial autêntico da turma. Portanto, o curso da aula deve seguir a direção apontada pela predisposição do grupo.

Estimulado, o aluno aguça sua percepção: participa, questiona, envolve-se no processo, pois, somente após o seu envolvimento é que o ambiente de sala de aula

torna-se propício à compreensão. Assim sendo, transmitir conhecimentos sem atinar para a estimulação é transformar a aula num campo de concentração. Quer dizer, o professor traz o conteúdo e utiliza determinada metodologia, não em função de seus alunos, mas para dar satisfação institucional. O aluno, por sua vez, "estuda" porque não lhe resta escolha. Resultado: o primeiro cumpre o seu "dever"; o segundo, também cumpre driblando a arbitrariedade do primeiro, opta pela "cola". Não há conhecimento, há reprodução, conseqüentemente, não haverá ação.

Finalmente, eis o objetivo de nosso projeto: **A AÇÃO**. No caso específico do ensino de Língua Portuguesa, a "ação" deve ser entendida como o desempenho diversificado, por parte do aluno, dos diferentes níveis de linguagem, ou seja, o objetivo do Projeto **E.C.A.** é instrumentalizar e sedimentar o cabedal linguístico de modo a permitir-lhe estímulo, compreensão e ação em toda situação que envolva expressão, seja ela: verbal ou não-verbal e, o que é mais importante, despojado de qualquer preconceito.

## 1 - TÓPICOS REFERENTES AO ESTÍMULO

### 1.1 - Aluno: o estímulo primeiro:

O aluno é um ser individual dotado de sentimentos inerentes ao meio do qual originou-se. Seu corpo, sua linguagem, seu comportamento, tudo é referencial de estímulo. Se tomarmos, por exemplo, um aluno de uma classe social menos favorecida, teremos:

- a) Um indivíduo, em geral, com uma estrutura física debilitada;
- b) Um aluno, na escola, sentindo-se inferiorizado linguisticamente; e
- c) Um aluno cujo comportamento, é apático ou agressivo.

Qual deve ser então, a postura do professor? Ficar penalizado e exigir menos desse aluno? Ao contrário, a postura correta é introduzir conteúdos de modo a levá-lo refletir sobre sua situação, ou seja, conteúdos conscientizadores. Um aluno não deve ser encarado como um coitado, precisamos combater esta propagação da cultura da pobreza. Numa estrutura física debilitada, também existe brilho no olhos. Por exemplo, pode-se chegar à sensibilidade deste aluno, através de se olhar. Sensibilizado e sentindo-se respeitado, o aluno predispõe-se à compreensão.

Quanto o autopreconceito linguístico, é papel fundamental do professor esclarecer ao aluno sobre a existência de vários registros da língua, os quais podem ser usados de acordo com cada situação e que não existe nível linguístico superior.

Sem correr o risco de generalização, acreditamos na tese de que uma criança oriunda de uma família sem muitos recursos é mais propensa à apatia e, via de regra, à agressividade. À apatia, porque recebe poucos estímulos; à agressividade porque não têm como canalizar sua energia em atividades lúdico-recreativas.

Cabe ao professor, então, inteirar-se desta realidade e trilhar o seu projeto de ensino em atividades tais como:

a) Atividades lúdicas mistas, ou seja, o aluno deve ser estimulado, através de brincadeiras, a falar e a escrever. Ex.: o jogo dos três elementos: água, terra e ar. O professor pergunta aos alunos: "Diga-me um elemento, por exemplo, da terra? A criança responde: "jacaré". A partir deste dado pode-se explorar a acentuação gráfica;

b) Passo fome: de quem é a culpa? O professor deve trazer à baila discussões de natureza política. O que devemos fazer? Há algo que possa ser feito? Se sentir fome, devo usar a linguagem para pedir comida? A quem? É justo morrer de fome em frente a um supermercado? A política assistencialista existe, deve ser incentivada aos alunos carentes?

c) O dia da televisão: a desmitificação deste poderoso instrumento de

manobra: o professor escolheria uma aula para ligar a TV para os alunos, os quais seriam orientados para perceberem o aspecto agressivo da programação e o aspecto apelativo dos comerciais. O objetivo é despertar o senso crítico das crianças para a maneira como a televisão utiliza a língua e nos quer ditar noções do que seja "belo", consumível, além de querer nos impor padrões de comportamento;

d] O dia da pergunta: o professor criaria esse espaço sempre que a turma ficasse indócil. Evidentemente que o professor deve anotar todas as perguntas, por mais absurda que pareçam, convém não ignorá-las, pois, melhor considerar "este absurdo" um progresso, do que trazer fórmulas prontas e herméticas para exercitar o aluno da linguagem oral e escrita. É de responsabilidade do professor buscar auxílio de especialistas ou pesquisar, caso a pergunta seja de temática delicada;

e] O dia do "erro": O academicismo presente em algumas gramáticas deve ser questionado. Nada melhor do que cotejar este academicismo com outros registros e mostrar, que todos têm valor linguístico;

f] O linguajar das crianças: sensibilidade, eis a palavra-chave para o profissional de Língua Portuguesa buscar o envolvimento integral de seu aluno. Buscando dosar um discurso com correção e elementos do linguajar do aluno, o professor se fará ouvir melhor;

g] A linguagem situacional:

Criar-se-ia **sketch**, ao invés de uma aula comum, simulando situações de vida. Exemplo: todos os alunos estão desempregados e precisam trabalhar; o professor representa o patrão para ficar caracterizado a imagem do medo institucionalizado (isto será questionado). De antemão, são conscientizados da importância e da adequação da linguagem para este momento. Linguagem entendida como: clareza, dicção e postura do corpo, pois o corpo fala. A simulação de uma greve: o confronto das idéias do grevista com o patrão, para reforçar a conscientização para os aspectos sofistas e ideológicos das palavras. Vence quem mais tiver poder de expressão.

Adolescente adora namorar, neste caso, falar que existe a Estilística que pode tornar isto ainda mais gostoso, é conseguir audiência total. Simula-se uma situação de paquera, a partir dos recursos estilísticos.

A simulação de um segurado mal-atendido no INPS e de como a situação pode inverter-se, se se utilizarem as palavras, a dicção e o corpo de maneira convincente. Enfim, o **sketch** serviria de acordo com o estado de ânimo da turma;

h] O teatro: para se conseguir efeito maior, o teatro, o palco, o cenário, a platéia, a mensagem abrangendo o público. Este teatro maior pode ser escrito pelos próprios alunos (atores). Motiva-se à escrita, à produção de idéias e à correção, já que este material pode ser avaliado pelo professor para, em seguida, voltar para os alunos fazerem, com todo prazer, a autocorreção.

## CONCLUSÃO

Haverá os que rirão deste projeto, principalmente os que não lêem a sensibilidade das crianças e fingem não ver a falência do sistema educacional. Não existem fórmulas prontas, existem caminhos a percorrer. Para nós, importa a satisfação recíproca ao estar lado a lado com o jovem estudante que espera aprender, como se a vida fosse uma grande brincadeira. Que seja.

Ocorre-nos sempre, apesar do caráter subjetivo desta afirmação, que a língua é vida, é sentimento, é momento e, o professor que ignorar isso, estará reduzindo o ensino da língua a algo maçante e mecânico. O Projeto ECA vem para acabar com esse marasmo que aí está.

Assim sendo, **alea jacta est.**

## 1.2 - ESTÁGIO (Objetivos)

A fase de estágio é uma das mais privilegiadas, pois imbuídos de ideais de mudança, nós, os formandos, podemos analisar o professor regente das mais variadas formas. Esta análise deve aproveitar as atitudes positivas e, evidentemente, excluir os aspectos negativos. De todos os aspectos, sem dúvida, o objetivo mais louvável foi o de trabalhar o ensino da língua através da produção de texto, ou seja, partir do contexto do texto para análise com o auxílio secundário da gramática.

Encontramos, entre outras, resistências isoladas quanto à nova proposta de se ensinar a língua. Entretanto, podemos constatar que a participação dos alunos tem sido considerável, principalmente, quando sabem que toda a produção de texto do ano terá como produto final um livro. Esta destinação dos textos (antes viravam material de lixo) tem animado muito aos alunos a produzirem.

Dos muitos objetivos que se atingiram ou que se pretendem atingir, destacamos:

- a) Leitura: um prazer e não um exercício pesado;
- b) Produção de texto por quê? Porque temos o que dizer, e o que temos a dizer vai virar um livro no final do ano letivo;

O valor do estágio é inegável, precisamos, pois, assumir uma postura para que nosso senso crítico não incorra nos erros observados, visto que o crivo de um estagiário é assaz perspicaz quando da observação, porém, ao assumirmos uma sala de aula é que é a hora de não repetirmos "falhas" que tanto censuramos.

### 1.2.1 - OBSERVAÇÃO

Observamos que há predisposição para propostas novas, embora, tenhamos constatado algumas críticas ao projeto. Os alunos resistem até o momento da descoberta de que são capazes de criar. O projeto não pretende abolir a gramática, como pensam alguns, mas pelo que foi observado, com este método de produção de texto o estudo da gramática ficou muito mais interessante, pois somente depois de detectados os problemas comuns a todos os textos é que se utiliza a gramática. Agora uma gramática contextualizada.

### **REGÊNCIA: A SINFONIA DE UM LOUCO**

Segunda, atrasado, a platéia não esperava. Voz na mão e coração também. Lá, desnorteado, sem ideologia fixa; cá dentro: o compromisso de iluminar para criar boas cabeças. Com a aquiescência do professor-regente, assumimos, com pose de amador, a 6ª e a 7ª série do turno da tarde do Colégio Duque de Caxias. Alunos em recuperação. Final de ano. Um desafio duplamente complicado. O que fazer para lhes conseguir a atenção sem que isso fosse um sacrifício? O lúdico, a brincadeira, o bom humor, o imprevisível acontece na monotonia da sala, os olhares em recuperação, tudo isso é resposta para professores como eu.

De maneira abrangente, foram abordados aspectos gerais das leituras que fazemos e podemos fazer do mundo. A linguagem verbal e não-verbal analisadas em seus aspectos aparente e ideológico. Por exemplo: convidamos um policial fardado e pedimos a leitura dos alunos deste signo; trouxemos alguns textos de teor político do tipo: "Olavo a vontade do povo"; analisamos também textos de comerciais de TV. Lemos alguns livros de literatura infantil, lemos não, dramatizamos a leitura. O objetivo era buscar motivação, mesmo que para isso tivéssemos que ficar acorados e coaxar.

Num segundo momento, promovemos competições visando ao estímulo na produção de textos e autocorreção. A paragrafação do texto a partir da listagem de atividades afins. Exemplo: conjunto de atividades matinais: um parágrafo; conjunto de atividades vespertinas: outro parágrafo; e finalmente o conjunto de atividades noturnas: o desfecho.

Como resultado final, tivemos a produção de textos criativos e até políticos, como foi o texto de Andrews in "o rato que queria ser rei" cujo conteúdo fala de um rato que antes das eleições vai ao povo de Ratolândia pedir voto; depois da eleição João, o rato eleito, volta para agradecer, mas o autor (aluno) deixa em aberto se o João vai ou não fazer alguma coisa. Repare a escolha do animal-referencial: um rato. Tivemos também "O príncipe e o porquinho" do aluno Elielson. Este texto, após reescritura, teve uma evolução tanto quantitativa como qualitativamente; no primeiro texto, o aluno demonstrou dificuldades de ortografia, problemas para identificar o travessão como marcador de diálogo; com a reescritura, no entanto, Elielson enxugou o texto, acrescentou mais idéias e não mais teve problemas para marcar as falas das personagens em seu texto. Por tudo isso, valeram os decibéis de loucura depositados, irrecuperavelmente, em alunos de recuperação.

### **O príncipe e o porquinho**

O príncipe estava cheio de seu reino e falava ao porquinho:

- Eu sou um fracasso, não sei nem mandar no meu reino direito. Porquinho, vamos andar pela floresta?

Onde ele passava diziam:

- Lá vai o príncipe alesado!

- Viu porquinho, eu estou cheio disso!

E o porquinho caiu no chão de pernas pro ar, achava graça. O príncipe disse:

- Até você, porquinho!

O príncipe correu dizendo:

- Eu não presto para nada. Ele correu, correu e encontrou uma princesa chorando. O príncipe falou:

- Por que esta chorando?

A princesa falou:

- Quem é você, um impostor?

- Sou um príncipe!

- Conversa fiada, onde já se viu um príncipe andar nesse estado, todo rasgado com um porquinho sarnento! O porquinho levantou e disse:

- Sarnento é sua mãe, e fique sabendo que eu não sou um porquinho qualquer.

A princesa falou:

- Nunca vi porquinho falar.

O príncipe disse:

- Mas você não falou o motivo do choro?

- É porque não tenho ninguém para brincar ou falar, só para ordenar.

O príncipe perguntou:

- Seu nome?

- O meu e Dartanham.

E ali começava um grande namoro. O príncipe pediu a mão da princesa em casamento e ela aceitou.

O porquinho disse:

- Eu quero ser padrinho.

E todos caíram na risada.